

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LUÍS CARLOS BORGES DA SILVA*

RESUMO – Através deste artigo, pretende-se fazer uma reflexão acerca da importância do estudo de História Regional e Local para a Educação Básica no Brasil, bem como, mencionar sugestões aos professores para trabalharem esta nova abordagem historiográfica em sala de aula, pois a mesma aproxima o historiador do seu objeto de estudo, incorporando as suas práticas pedagógicas à análise de fatos históricos relacionados ao local e a região, diferentemente de uma visão historiográfica tradicional que apenas valoriza o estudo generalizado da chamada História Geral ou Nacional. Também, apresentar interpretações de historiadores que discutem esta temática no universo historiográfico brasileiro, além disso, sugere algumas ações metodológicas para que as aulas de história possam ser mais prazerosas, uma vez que o conteúdo trabalhado terá um forte significado para a vida do aluno, nesse caso, partindo da análise de temas relacionados à região do Recôncavo baiano e conseqüentemente de um município inserido nessa região, ou seja, Governador Mangabeira, usando como referencial as pesquisas desenvolvidas por historiadores e historiadoras do cenário acadêmico baiano. Nesse sentido, a ideia é fomentar a possibilidade de pesquisa com História Local e Regional durante o Ensino Fundamental e Médio, objetivando a formação de cidadãos críticos e sabedores do seu papel histórico na sociedade em que estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE - História Regional e Local. Aprendizagem Significativa. Cidadania.

ABSTRACT - Through this article, we intend to make a reflection about the importance of the study of Regional and Local History for basic education in Brazil, as well as, to mention suggestions for teachers to work this new historiographical approach in the classroom, because it the historian approaches his object of study, incorporating learning practices the study of historical fact relating to the site and the region, unlike a traditional historiographical view that only values the study of generalized called General History or National. Also present interpretations of historians who discuss this subject in the universe Brazilian historiography, moreover, suggests some actions methodological lessons that history can be more pleasurable one did that worked contents will have a strong significance for the life of the student, this case, based on an analysis of issues related to Reconcavo Baiano region and consequently a municipality inserted in this region, ie, Governor Mangabeira, using as reference the studies developed by historians and historians of the academic setting Bahia. In this sense, the idea is to foster research on the possibility of Local and Regional History during the middle and high school, aiming at the formation of critical citizens cognizant of its historical role in the society in which they live.

* Licenciado em História pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), especialista em História Regional pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia), especialista em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena pela FAMAM (Faculdade Maria Milza), atualmente leciona a disciplina História no Colégio Estadual Professor Edgard Santos – Governador Mangabeira – BA e na Escola São Luis – Muritiba-BA, e-mail: borgeslc@hotmail.com.

KEYWORDS - Local and Regional History. Meaningful Learning. Citizenship.

INTRODUÇÃO

O artigo em foco surgiu da inquietação dos mais de 20 anos, como professor de história da Educação Básica, pois ao longo desses anos, percebi o quanto a História Local e Regional foi desprezada nos currículos escolares. Por outro lado, a História Geral e do Brasil, sempre desfrutou de prioridades no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere os conteúdos abordados nos livros didáticos, que por sua vez desconsideram a importância da História Regional e Local como uma vertente historiografia essencial para compreender a realidade em que os estudantes estão inseridos.

Fundamentado nessa concepção, resolvi demonstrar através desse trabalho aos professores da Educação Básica, especialmente os de Ensino Fundamental, a importância de se trabalhar em sala de aula conteúdos vinculados a História Regional e Local, pois é através da incorporação dessa concepção historiográfica nas práticas pedagógicas dos professores de história, que as aulas passarão a ser mais dinâmicas e prazerosas, uma vez que os alunos poderão perceber que a história faz parte de sua vida e, tudo que os mesmos produzem é história e deve ser levado em consideração, permitindo dessa forma um novo olhar acerca do saber histórico em sala de aula, rompendo assim com a velha concepção positivista de fazer história, conseqüentemente se aproximando de uma História plural e dinâmica, por certo associada ao que se propõe a denominada “Nova História”.

Essa aproximação com a mencionada corrente historiográfica tornou-se mais evidente, quando elaborei o meu TCC, para obter a titulação de especialista em História Regional e Local (2004), pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, intitulado a Vila e o Coronel, quando analisei a transformação da Vila de Cabeças em cidade de Governador Mangabeira no ano de 1962, levando em consideração a inserção da Vila em um contexto social, econômico e político da região do Recôncavo baiano, bem como, analisei a importância do coronel João Altino da Fonseca para o desenvolvimento econômico da Vila de Cabeças, estabelecendo relações com a perspectiva histórica do poder local e simbólico.

Evidentemente, que do ano de 2004 até hoje, a História Regional e Local ganhou maior significado no espaço acadêmico, surgindo em muitas Universidades cursos de especialização e mestrado, a exemplo do mestrado em História Regional e Local existente na

3

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, localizado no Campus V – cidade de Santo Antonio de Jesus – Recôncavo baiano, além de tantos outros cursos de pós-graduação existentes em Universidade e Faculdades de todo o Brasil, demonstrando assim o quanto o estudo de temas vinculados ao local e a região possibilitou tornar o ensino de História na Educação Básica mais significativo e voltado para a realidade de vida dos estudantes. Mesmo que essa evolução, ainda seja tímida e pontual, não podemos negar que é algo inovador e de grande importância para a consolidação acerca de um novo olhar do saber histórico entre os educadores do Brasil.

Para fundamentar essa discussão, utilize como referencial metodológico argumentos de alguns historiadores que discutem essa temática, apresentando a importância da História Regional e Local na perspectiva historiográfica, bem como, sugerindo alguns conteúdos que podem ser trabalhados em sala de aula pelos professores de História, sobretudo na perspectiva da História do Recôncavo baiano. Também, sugiro a utilização de algumas fontes que podem subsidiar o trabalho dos pesquisadores no tocante a História Regional e Local.

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

O estudo de História Regional e Local nem sempre teve importância no mundo acadêmico, apenas a partir do final da década de 1980, surgem trabalhos mais sistematizados relacionados ao tema. Isso só foi possível graças a uma nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História. A partir desta nova abordagem historiográfica, passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como, uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador, como cita a historiadora baiana Ana Maria Carvalho de Oliveira:

(...) A Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. (...) Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular. (Oliveira, p. 15, 2003)

Nessa perspectiva, tornou-se viável estudar aspectos que até então não eram mencionados nas academias, ampliou-se à visão dos agentes elaboradores da história,

4

abandonando a noção tradicional da narrativa histórica, para buscar uma história plural e dinâmica, onde os “excluídos” da história ganham visibilidade, a concepção cultural torna-se evidente, como nos esclarece o historiador Peter Burke:

(...) a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. (...) Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. (...) O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (Burke, 1992, p. 11).

Por esta ótica, nota-se a importância do estudo da História Regional e Local no universo historiográfico, uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto de estudo. A narrativa deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos da região, conseqüentemente do município. Aquele passado distante, sede espaço para algo mais imediato, como afirma o historiador Rafael Samuel:

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (Samuel, 1990, p. 220)

Usando dessa prerrogativa de valorização da História Regional e Local no espaço acadêmico, nota-se o quanto é importante abordar em sala de aula temas relacionados a essa concepção historiográfica, uma vez que os livros didáticos e módulos privilegiam apenas um tipo de conhecimento histórico, universalizado em temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes sem significado para os alunos, “uma história distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos” (Fernandes, 1995, p. 4), tornado a aprendizagem algo sem prazer e que não emociona, negando a perspectiva de que história é vida, sendo que a função básica do seu ensino é a construção de cidadãos críticos, como enfatiza o professor José Ricardo Oriá Fernandes:

Hoje, todos nós sabemos que a finalidade básica do ensino de história na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a história produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e nos parece

*fundamental para a vida do homem – individuo eminentemente histórico.
(Fernandes, 1995, p. 03)*

Nesse sentido, a proposta de História aqui apresentada, pretende se distanciar da velha narrativa de um passado morto, sem significado para a maioria dos homens e mulheres do presente, porém busca constituir um novo olhar histórico, onde o objeto de estudo se torne dinâmico, problematizador e mais próximo do pesquisador, conseqüentemente, possibilitando uma verdadeira relação entre o passado e o presente, que proporcione aos estudantes a elaboração de uma concepção crítica acerca do mundo em que vive, capaz de suscitar possíveis transformações na sociedade em que estão inseridos.

A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Na verdade os conteúdos de História estudados na escola básica deveriam ser menos mecânicos e mais aplicáveis a um significado de vida para os estudantes. Geralmente estudamos as características do rio São Francisco, mas não mencionamos a importância histórica que teve o rio Paraguaçu para a economia do Recôncavo Baiano, uma vez que boa parte do abastecimento da cidade de Salvador até o século XIX era realizado através do porto de Cachoeira, segunda maior cidade da Bahia até esse período.

Falamos da história econômica do Brasil, enfatizando muito a cana-de-açúcar e o café, porém omitimos a importância do tabaco para a nossa região, pois o charuto fabricado pela Suerdik em Cruz das Almas até a década de 1970 era considerado o segundo melhor do mundo, perdendo apenas para o cubano, uma vez que esta fábrica produzia cerca de “200 milhões deste produto por ano, artigo requintado da burguesia e que não faltava também nos meios populares, propiciando grandes incrementos à indústria e comércio do fumo baiano” (Rodrigues, 2001, p. 41).

No tocante ao papel da mulher na história da humanidade, notamos que os livros didáticos priorizam abordagens genéricas, mencionando características do cotidiano das mulheres em momentos como: Grécia Antiga, Feudalismo e Brasil Colônia, porém não mencionam as práticas cotidianas das mulheres no contexto da história do Recôncavo baiano, a exemplo das charuteiras, rezadeiras e lavadeiras e tantas outras. Esse descaso não acontece

6

por falta de pesquisa, pois na atualidade existem diversos trabalhos acadêmicos relacionados a essa temática, mas por um desejo em manter uma concepção de História generalizada e em muitos momentos positivista.

Também, estudamos o poder apenas em uma esfera nacional, não levamos em consideração as práticas políticas e os símbolos usados pelos coronéis da nossa região como forma de perpetuar seu status sócio-econômico. Um bom exemplo disso foi o coronel João Altino da Fonseca, dono de armazém de fumo na Vila de Cabeças, hoje município de Governador Mangabeira, pois chegou a ser considerado o homem mais rico do vale do Paraguaçu na década de 1930 e constantemente viajava para França, sua casa possuía tapetes persas, cristais da Alemanha e mobílias italianas, além de financiar parte da construção da atual Igreja Matriz da cidade na década de 1940, e nos finais de ano distribuía carne de boi para a maioria da população da Vila. Essa concepção representativa e simbólica de poder, ganha expressão em um depoimento de uma das funcionárias do coronel Fonseca, senhora Rosália Barbosa, analisado em minha monografia de especialização.

Quando João Fonseca estava na Vila era motivo de festa no arraial, chegava pro anoitecer e pela manhã sua casa já estava cheia de gente. (...) Nos fins de ano João Altino, costumava matar um boi do seu rebanho, podia ser o maior boi e o mais caro que tivesse, ele mandava matar para distribuir com seus conterrâneos mais necessitados. (...) Quando ele vinha de Salvador, ele já trazia cobertor, capote, corte de pano, pra dar a essas pessoas. (IN: Silva, 2004, p. 50)

Ainda, estudamos Capitânicas Hereditárias, Governos Gerais, Independência do Brasil e Proclamação da República, mas não analisamos o processo de emancipação política dos nossos municípios e a participação popular nesse processo, a exemplo da criação de um Clube Esportivo na Vila de Cabeças em 1961, o qual contribuiu de forma significativa para a transformação da Vila em cidade de Governador Mangabeira no ano de 1962, como salientei em um dos trechos da citada monografia:

Não foram só os políticos os pais da idéia, o povo também se organizou para que ela tomasse um caráter de reivindicação social, mesmo que os líderes tenham sido pessoas ligadas a elite intelectual da Vila. Um dos mais significativos movimentos foi a fundação do Clube Esportivo e Cultural Independente (CECI), em dois de julho de 1961, objetivando desenvolver práticas esportivas e culturais, que culminassem em uma forma de propagar a necessidade social de emancipação da Vila (Silva, 2004, p. 66)

7

Os livros didáticos priorizam o sete de setembro como marco da Independência do Brasil, mas quase não demonstram a importância do dois de julho na Bahia como instrumento para a consolidação da independência do nosso país, bem como, não chamam atenção para a participação popular no processo da Independência da Bahia, diferente do sete de setembro que foi algo elaborado pela elite agrária. Nem mencionam a participação de escravos no exército brasileiro que derrotou as tropas portuguesas na Bahia, bem como, omitem a importância do Recôncavo baiano nesse processo, em especial a cidade de Cachoeira.

Falamos da cultura e arte de outros locais, porém não enfatizamos o valor histórico do São João em nossa região, como exemplo a musicalidade do forró e até a guerra de espada na cidade de Cruz das Almas, ou outra expressão musical como o Samba de Roda, bastante difundido no Recôncavo baiano, não se esquecendo de festas populares como da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, Terno de Reis e Louvor a São Benedito em Governador Mangabeira e tantas outras manifestações religiosas existentes na região do Recôncavo.

Lembro ainda, que mesmo com a criação da lei 10.639/2003, que torna o ensino de História e Cultura Afro-brasileira obrigatório nas escolas da Educação Básica de todo país, porém notamos que os currículos escolares são elaborados numa perspectiva eurocêntrica, negando a contribuição dos negros e negras para a cultura e riqueza do Brasil. Não se percebe nos livros didáticos referência as diferentes manifestações culturais elaboradas pelos negros em espaços específicos como o Recôncavo baiano, ou até mesmo aos movimentos de resistência escrava na Bahia, como a greve de negros escravizados na cidade de Salvador em 1855, além de outras significativas contribuições dos negros ao longo da História do Brasil.

Evidentemente, que a História Regional e Local não pode ser desvinculada de um contexto mais amplo de região, ou seja, não podemos falar da economia do Recôncavo baiano no século XVIII, sem fazer uma relação com o cenário nacional, mas isso não significa estabelecer escalas de valores entre um tema e outro, o fundamental é perceber as relações históricas entre as temáticas, atentando para suas especificidades, como bem esclarece o professor Erivaldo Neves:

O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistira na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-cultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos

sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social. (Neves, 2002, p. 89)

Essas especificidades podem ser observadas em diversas dimensões, atentando para um conceito mais amplo de região, não aquele estabelecido pela geografia determinista, mas algo focado a partir de uma construção histórica. Assim, para estudar a transformação da Vila de Cabeças em cidade de Governador Mangabeira, optei em usar um recorte regional denominado de Recôncavo Fumageiro, pois essa micro-região era uma das maiores produtoras de fumo do Brasil até década de 1970. Evidente, que esse recorte se justifica em função da diversidade social, economia, política e cultural atribuída à região do Recôncavo baiano.

AS POSSIBILIDADES DE FONTES NA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

Durante muito tempo, prevaleceu no universo historiográfico uma concepção de fonte histórica centrada apenas no documento escrito, especialmente aqueles de caráter oficial, porém com a Nova História, surgiu uma visão mais ampla e democrática para as fontes, a concepção do documento histórico foi diversificada e outros aspectos do cotidiano dos homens e mulheres passaram a ser utilizados com fonte histórica, como enfatiza Jaques Le Goff:

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicação do documento: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem". (LE GOFF, 1990, p. 28)

Assim, as possibilidades de fontes para se fazer História Regional e Local são inúmeras, podemos buscá-las em arquivos públicos e particulares, nos livros de ata da Câmara de Vereadores, em jornais, monumentos, fotos, entrevistas, livros de memorialistas, filmes, músicas, no cotidiano das pessoas e em outras infinitudes de fontes históricas, como bom exemplo desta questão, podemos citar alguns argumentos do professor Erivaldo Neves:

A leitura das articulações políticas faz-se através de registros eleitorais: atas, processos de impugnação de eleições, termos de posse. As atas das câmaras de vereadores registram com riqueza de detalhes, o dia-a-dia de um município e seus

habitantes. Para além do universo político, com a mesma intensidade, abordam o econômico e social, com uma fotografia de corpo inteiro da comunidade municipal. As posturas municipais e as leis orgânicas dos municípios indicam os parâmetros das relações sociais. (Neves, 2002, p. 98)

Também, a História Oral apresenta-se como uma relevante parceira para a utilização das fontes no campo da História Regional e Local, principalmente com a recorrência a memória, uma vez que a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função dos relatos públicos do passado”. (THOMSON, 1997, p. 57). Associado a esse aspecto a memória nos oferece a busca por lembranças extraordinárias, sem a necessidade de se preocupar com uma noção de tempo centrada em uma concepção cronológica e linear da história.

Lógico, que a possibilidade de escolha de um método para se trabalhar com História Regional e Local, apresenta-se de forma diversificada, o direcionamento, a forma e o momento, é uma opção do pesquisado, pois essa concepção historiográfica “não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida”. (SAMUEL, 1990, p. 237) Essa adoção de um método próprio, levará ao pesquisado a elaboração de interpretações variadas, respeitando as especificidades do seu objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidente que a História Regional e Local, não deve ser concebida como uma vertente historiográfica estanque, ela necessita como qualquer outra concepção de uma possibilidade interdisciplinar, a exemplo da contribuição da Geografia, Sociologia e Antropologia, bem como, não podemos abordar em sala de aula temas relacionados ao local ou a região, sem estabelecer relação com uma noção macro em que esses temas estão inseridos, porém resguardando as suas devidas especificidades.

Nessa perspectiva, precisamos entender a necessidade de valorização do estudo da História Regional e Local na Educação Básica, uma vez que “estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo”. (FERNANDES, 1995, p. 08).

10

Município esse que se insere em uma região, recheada de múltiplas identidades, as quais devem está presentes no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo nas aulas de história.

Notadamente, essa inserção do estudo de História Regional e Local não é algo que acontecerá da noite para o dia, esse processo é lento e gradual, porém são necessárias mudanças estruturais nos currículos escolares, que possam inserir temas que contemplem o local e o regional, bem como, reestruturação dos conteúdos abordados nos livros didáticos, quando possa existir a flexibilidade dos organismos governamentais no sentido em que os manuais didáticos possam ser produzidos em perspectivas Regional e Local, sem perder de vista um contexto mais amplo dos temas sugeridos no que se refere a História Geral e do Brasil.

Para além desses aspectos, destaco ainda, a importância do papel do professor de História no tocante a inclusão em suas aulas de temas vinculados a História Regional e Local, buscando inovações metodológicas que contemplem tal aspecto, além de não perder de vista a necessidade de está sempre pesquisando temáticas que abordem essa concepção historiográfica. O fundamental é tornar as aulas mais prazerosas, levando os alunos a perceberem que sua própria vida já é uma grande história e que o conhecimento histórico pode ser elaborado por todos, independentes de qualquer aspecto social, político, econômico e cultural.

Dessa forma, acredito que a História Regional e Local, se configura como um valioso instrumento metodológico para o professor de história, pois a abordagem de conteúdos voltados para o local e o regional possibilita a elaboração de um olhar diferenciado acerca do saber histórico, capaz de acusar uma visão critica entre os educandos, bem como, permite a efetivação da noção de cidadania no ambiente escolar, uma vez que o objeto de estudo se apresenta como familiar a realidade de vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **História Regional e Local**. In: República em Migalhas Marco Zero, São Paulo, 1990.

BRANDÃO, Maria (org). **Recôncavo da Bahia – Sociedade em Transição**. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 1997.

11

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História – Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.

CALLAI, Helena C. e ZARTH, Paulo Afonso. **O Estudo do Município e o Ensino de História e Geografia**. Ijuí – Rio Grande do Sul, Unijui, 1988.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos Conceição. **“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções**. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2011.

FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um Lugar na Escola para a História Local**. Recife: ANPUH (texto mimeografado), 1995.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 9.^a ed. São Paulo, Nova Fronteira, 1997.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local no Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local**. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX**, Salvador, EDUNEB, 2003.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

SANTANA, Charles D’ Almeida. **Fatura e Ventura Camponesa**. Trabalho Cotidiano e Migrações. Bahia – 1950 / 1980. São Paulo. Anna Blube, 1998.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos – Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo, Companhia das Letras. 1999.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer Charutos: uma Atividade Feminina**. Dissertação de Mestrado. Salvador, UFBA, 2001.

SILVA, Luís Carlos Borges da. **A Vila e o Coronel – Poder Local na Vila de Cabeças- 1930-1962**. Monografia de pós-graduação, Santo Antonio de Jesus, UNEB, 2004.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Projeto História (15). Ética e História Oral. São Paulo, Educ. 1997.